



LER, VER E OUVIR

Bravo!

“Nos Estados Unidos, os grupos se formam principalmente para alcançar uma finalidade comum; no Brasil, pela alegria de ficar juntos”

DOMENICO DE MASI
(ALFABETO DA SOCIEDADE
DESORIENTADA, OBJETIVA)

CINEMA



Os indígenas de Mato Grosso do Sul pintados e vestidos para a guerra no filme de Vincent Carelli

À prova de golpe

MARTÍRIO DOCUMENTA A RESISTÊNCIA GUARANI KAIOWÁ EM TEMPOS DE DEMOCRACIA E DE DITADURA

“Os índios são à prova de golpe. O estado de exceção é a nossa praia”, costuma dizer o líder indígena Ailton Krenak, quando indagado a respeito do impacto do golpe de 2016 sobre os povos originários da Ilha de Vera Cruz. Centrado na luta sem trégua dos índios Guarani Kaiowá de Mato Grosso do Sul, o documentário *Martírio*, dirigido pelo antropólogo, indigenista e cineasta franco-brasileiro Vincent Carelli, foi finalizado em contexto ainda democrático, mas vem a estrear agora, num Brasil ainda mais sombrio que o de um ano atrás, quando Dilma Rousseff foi apeada da Presidência da República.

“A democracia para os índios nunca chega. É isso que Ailton quer dizer”, afirma

Carelli, também responsável pelo projeto Vídeo nas Aldeias, crucial na empreitada de revelar aos indígenas que eles têm o direito da autoexpressão. “Mas tudo piora muito em tempos de ditadura, de golpe, de abuso de autoridade, de partidatismo no Judiciário. Acho que neste momento todos nós somos índios no Brasil”, afirma o diretor, que desde 1988 acompanha com câmera em punho as vicissitudes dos guarani kaiowá.

Martírio tem causado comoção e vencido prêmios (quase sempre de público, quase nunca de crítica) pelos festivais por que passa. No fim do ano passado, foi esquecido pela curadoria da 11ª Mostra Cinema e Direitos Humanos, sob o guarda-chuva do Ministério da Justiça de Michel Temer. “Acho que quem fez a

seleção tirou o *Martírio* para não ser demitido”, ironiza Carelli.

O filme flagra indígenas a gritar “assassina” para Dilma e as falas genocidas da ruralista e (então) futura ministra da Agricultura Kátia Abreu. Hoje, o diretor descreve a mão de Temer sobre a causa indígena: “Há um desmantelamento da Funai, foram demitidos mais de 300 funcionários. Tem um militar lá. A gente voltou ao militarismo para tratar dos assuntos dos índios. Tem um pastor evangélico na presidência da Funai e um ministro ruralista na Justiça, o Osmar Serraglio. E a gente faz o quê?”

O nome para o avanço possível num oceano de retrocessos é *Martírio*. “Um dos grandes sucessos do filme é que as pessoas ficam impressionadas de ver uma narrativa de história do Brasil que não é nada do que aprenderam na escola”, comemora o diretor. E nossa identidade indígena é convocada, mais uma vez, a se mostrar à prova de golpes. — Pedro Alexandre Sanches



A POLÍTICA EM CENA

QUATRO ESPETÁCULOS QUE ABORDAM OU MARGEIAM O MOMENTO CONTURBADO ESTÃO EM CARTAZ EM TRÊS CAPITAIS BRASILEIRAS

SÃO PAULO

A Companhia do Feijão apresenta *DaTchau - Rumo à Estação Grande Avenida*, peça que busca respostas para os tempos sombrios, desde junho de 2013. No *Sesc Belenzinho*, de quinta a sábado, até 30 de abril. 20 reais.



MÚSICA

4 PERGUNTAS PARA RUSSO PAPAPUSSO

O VOCALISTA DA BANDA BAIANA SYSTEM AFIRMA QUE SUAS MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS SÃO NATURAIS E NUNCA FORAM PAUTADAS PELO MEDO

Responsável por puxar o maior coro de Fora Temer do Carnaval de 2017, o vocalista da banda Baiana System, Russo Papapusso, não é um homem de slogans, mas de significados. “As coisas precisam ter sentido. (É preciso) que o público tenha discernimento para compreender as coisas”, diz o músico. Maior revelação da música brasileira dos últimos dois anos, os coros do público são uma de suas particularidades, o que levou o Conselho Municipal do Carnaval de Salvador, no dia 24 de fevereiro, a pensar em proibir sua manifestação política. A banda repetiria a regência anti-Temer no Festival Lollapalooza, em São Paulo, num show de grande repercussão. Papapusso falou a *CartaCapital*. - Jotabê Medeiros

CartaCapital: Como artista, você demonstrou ousadia política se colocando contrário à permanência deste governo que está aí. Gostaria de saber se essa manifestação (a do Carnaval e a do Lollapalooza) teve uma análise dos riscos, se teme macarthismo ou perseguição política?

Russo Papapusso: Não parei pra analisar riscos, a arte está em todos os lugares, ela sensibiliza e nos dá possibilidades de construir uma opinião livre do medo. Não há prisioneiros. As minhas manifestações são naturais, somos instrumentos da música num diálogo que mistura o espiritual e o social com muito respeito. Nos dias de hoje, a partir do momento em que você assume



Russo Papapusso: “A cultura é a melhor saída”

uma postura, é muito importante não alimentar a intolerância. As ruas estão cheias de motivos pra fazer você perder a razão, a crença, e rapidamente se transformar naquilo que você mesmo critica. Nesse cenário, música é cura.

CC: Dentro do atual quadro político e social, qual você acredita que deva ser a melhor saída para a volta do País à normalidade?

RP: Pra mim, cultura é a melhor saída. Não acredito muito no conceito de normalidade.

CC: Como banda que reconectou a Bahia com a inquietação musical e a pesquisa, como você analisa a música comercial baiana e brasileira e sua inserção neste mundo? Você acha que a música tem uma finalidade além do entretenimento?

RP: Não consigo fazer análise como banda, o Baiana System é um convívio de diferentes, um quebra-cabeça. Sobre reconectar a Bahia, acho que estamos bem longe dessa inquietação e pesquisa desejada. O que existe é uma batalha constante pra dialogar e mostrar o valor da tradição cultural para o mercado.

CC: Você tem expectativas a respeito dos julgamentos de qualidade estética?

RP: Se tenho alguma esperança? Na minha opinião ela está nos ouvidos das pessoas que têm aceitado novos caminhos, novos aprendizados, e buscam informações, expressões, diálogos nos quais elas tenham a permissão de construir e desconstruir; piratar. No mundo de hoje, com tantas ferramentas, usá-las virou uma espécie de lei. A música tem todas as finalidades, e nela carregamos nossas mudanças, injúrias, esperanças, crenças, amores, dores, fé, força; tudo que podemos lembrar sobre nossa existência. Com ou sem entretenimento.

SÃO PAULO

A peça **AI-5**, sobre o ato institucional de 13 de dezembro de 1968, revolve as atrocidades da ditadura, tomando por base as descobertas da Comissão Nacional da Verdade. No **Casarão do Belvedere**, até 28 de abril.



RIO DE JANEIRO

A loucura de um andari-lho, um dos muitos surgidos após o confisco da caderneta de poupança em 1990, é o tema de **Nefelibato**. Enlouqueceremos agora? No **Teatro Candido Mendes**, até 27 de abril. 40 reais.



BRASÍLIA

Elas, as mulheres, e a capital federal, Brasília (um projeto que "há muito se perdeu"), são o mote da peça **De Salto Alto, Céu e Concreto**. No **Centro Cultural Banco do Brasil**, até 23 de abril. 20 reais.



MÚSICA

FUNKS PARA TUCANISTÃO

SP Não É Sopa. Aláfia. Independente.

A coisa começa devagar. São Paulo não é sopa/ SP sopa não é/, avisa a faixa-título de abertura de SP Não É Sopa, o terceiro álbum da black big band paulistana Aláfia. O registro sonoro, a um só tempo pop e erudito, oscila entre os afrossambas do maestro baiano Moacir Santos, o afrobeat africano, o funk estadunidense, o candomblé, a



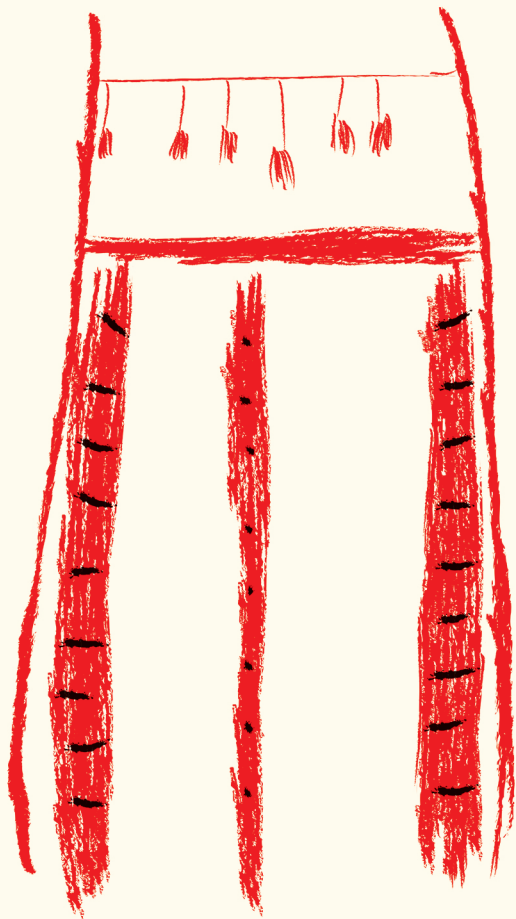
nigérrima vanguarda paulista de Itamar Assumpção, o hip-hop.

As letras soam estranhas, remetem às aliterações de Itamar Assumpção, privilegiam rítmicas de África. Como num flash,

de repente a faixa *No Fluxo* relaciona os termos "choque" e "Tucanistão". Estamos no terreno da coragem e da revolta, ainda que em linguagem cifrada, de pichação. *Gentrificação* é o

título em relance da quarta faixa. *Saracura* ancora-se na geografia do "quilombo urbano" da Bela Vista, onde 13 de Maio/ não cruza com Abolição/.

Sétima faixa, *Liga nas de Cem* afirma que São Paulo é fio de navalha e abre o jogo, sem peias: *Em bairro de rifles/ rifles miram a nossa cabeça/ Morumbi, Moema, Jardim Europa/ o xis do problema/ meritocratas, chiques/ clichê de novela/ que pisam em pobre/ vão pra janela/ bater panela*. -PAS



MARTÍRIO

A insurgência pacífica e obstinada dos povos Guaraní Kaiowá



HOJE NOS CINEMAS

ingressos por até R\$12 (inteira) | R\$6 (meia)

verifique a classificação indicativa

INCENTIVO PARA FINALIZAÇÃO

FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

PATROCÍNIO PARA DISTRIBUIÇÃO

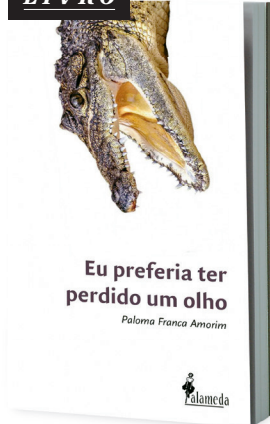


REALIZAÇÃO Video nas Aldeias & Papo Amarelo

Este filme foi financiado pela sociedade civil brasileira.

Bravo!

LIVRO



DE OLHOSE
BOCA BEM ABERTOS

Eu Preferia Ter Perdido um Olho.
De Paloma Franca Amorim.
Alameda. 254 págs. 38 reais.

Eu Preferia Ter Perdido um Olho, livro de crônicas da paraense Paloma Franca Amorim, vem ao mundo em tempo eloquente, governado em crise por símbolos masculinos como Michel Temer, José Mayer, Silvio Santos e o médico desequilibrado do *Big Brother Brasil*. Paloma revela-se desde a crônica que dá título ao livro: "Um vizinho com quem eu costumava brincar jogou uma pedra em meu olho direito que quase me deixou cega. Lembrome de quão desesperada minha mãe ficou, dizia que ele poderia ter acabado com minha vida. Um dia falei: e aquela vez que me levaram para o banheiro? Foi grave também. Ela respondeu: 'Perder um olho é mais grave, esquece essa história'.

Eu preferia ter perdido um olho". O tema são dois estupro que sofreu, o primeiro na infância, o segundo na juventude. "Com 25 anos vivi uma dessas tragédias que acontecem de 11 em 11 minutos nas ruas da cidade, porque as vias públicas não são feitas para mulheres que andam sozinhas", a mulher milita.

Paloma publicou originalmente no jornal paraense *O Liberal* a maior parte das crônicas agrupadas no livro. Não é um feito pequeno, no mesmo instante em que a Rede Globo, um ano depois de patrocinar mais um golpe de Estado contra uma mulher, faz o possível e o impossível para parecer feminista. "Jamais fiz contatos políticos com a coluna no *Liberal*,

embora hoje o espaço literário e opinativo num jornal também seja ocupado pela barganha", conta a artista de teatro, música e literatura. "Nunca me acomodei sob o véu da imparcialidade, essa ideia tão difundida nos canais decrépitos do jornalismo brasileiro." A Amazônia sangra seiva quente, viva.

"Minha posição como autora é determinada pelo meu lugar no mundo: sou uma mulher negra de 30 anos, cuja ascendência indígena, africana e portuguesa faz com que a sociedade, guiada pelo racismo institucional, me leia como mulata", define-se, esculpida em poesia, dor e resistência. "Sou filha da classe trabalhadora, eu tenho um rio que corre em minhas veias." -PAS



ONDE ASSISTIR AOS
MELHORES FILMES É
APENAS UMA PARTE
DA EXPERIÊNCIA



GASTRONOMIA • CINEMA • CAFÉ • LIVRARIA

NITERÓI-RJ
AV. VISCONDE DO RIO
BRANCO 880 • 21 3604 1545

RESERVA
CULTURAL

SÃO PAULO
AVENIDA PAULISTA 900
11 3287 3529

WWW.RESERVACULTURAL.COM.BR

EM CARTAZ EM SÃO PAULO - AS FALSAS CONFIDÊNCIAS • VARIAÇÕES DE CASANOVA • O GRANDE DIA • UNA • ARGENTINA • OS BELOS DIAS DE ARANJUEZ • FATIMA
EM CARTAZ EM NITERÓI - AS FALSAS CONFIDÊNCIAS • VARIAÇÕES DE CASANOVA • O GRANDE DIA • VELOZES E FURIOSOS 8 • ARGENTINA • A BELA E A FERA



LIVRO

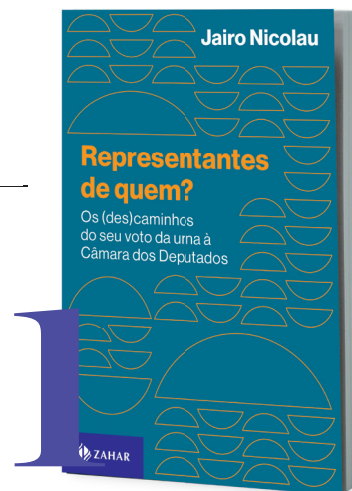
EM BUSCA DE RESPOSTAS

OBRAS LANÇADAS APÓS 17 DE ABRIL DE 2016 TENTAM LANÇAR LUZES SOBRE O PERÍODO DE TREVAS QUE TOMOU CONTA DO BRASIL

AARAPUCA ELEITORAL

Representantes de Quem?, 176 páginas, 39,90 reais. Jairo Nicolau, Zahar.

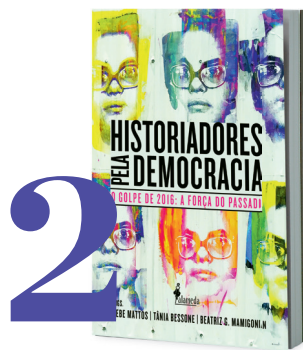
Um dia depois da aprovação da abertura do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, na Câmara dos Deputados, o cientista político Jairo Nicolau decidiu escrever essa obra necessária. Com uma experiência acumulada de duas décadas de pesquisas, Nicolau assenta no didatismo a sua linguagem para destrinchar o (propositadamente complexo) sistema representativo brasileiro.



O País tem a maior fragmentação partidária do mundo (28 legendas) e um nocivo troca-troca de partidos. Nicolau revela que, da eleição até o dia do *impeachment* da petista, 19% dos deputados federais haviam mudado de sigla. Mas não vale culpar apenas o Congresso. Perto de um terço dos eleitores vota em candidatos ou partidos que não pertencem à coalizão do presidencialista. Significa que o brasileiro está, sim, deixando que as raposas tomem conta do galinheiro.

O PASSADO EXPLICA O PRESENTE

Historiadores pela Democracia, 284 páginas, 44 reais. Organizado por Hebe Mattos, Tânia Bessone e Beatriz G. Mamigonian, Alameda.

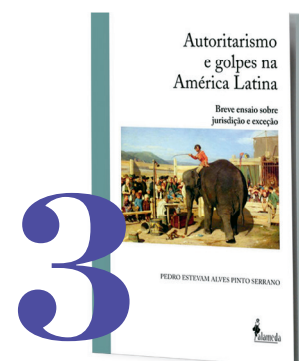


Difícil refletir, ainda hoje, sobre o que se passou no longo 17 de abril de 2016, quando a democracia brasileira foi interdita por um golpe parlamentar. Historiadores reunidos nessa coletânea de artigos e apresentações, pinçados aqui e acolá, analisam a trama do *impeachment* e projetam cenários alarmantes do que ainda está por vir. “Se o clima político atual por vezes lembra o pré-1964, a proposta de um governo Temer a partir do impedimento da presidenta ecoa 1837”, afirmava Hebe Mattos uma semana antes do golpe. Uma das organizadoras do livro, ela se referia ao movimento político Regresso, quando a “classe senhorial” do século XIX partiu para a desobediência civil contra o fim da escravidão. Carlos Fico, professor da UFRJ, desabafa: “Um mínimo de recato, menos sorrisos e esgares dariam melhor impressão e talvez afastassem do vice-presidente a fama de traiçoeiro”. O movimento Historiadores Pela Democracia cresceu a partir de um grupo no Facebook (os 8 mil na publicação do livro, em julho, já passam de 30 mil).

A VIOLÊNCIA DO PODER

Autoritarismo e Golpes na América Latina, 182 páginas, 44 reais. Pedro Estevam Serrano, Alameda.

Jurista que já advogou para a Odebrecht, Pedro Estevam Serrano publica em livro a monografia *Jurisdição e Exceção*, de seu pós-doutoramento na Universidade de Lisboa. O argumento central da reflexão acadêmica é que na América Latina convivem de forma conflitiva o Estado Democrático de Direito, “uma concepção abstrata que nunca se realizou”, e o Estado de polícia, autoritário e de exceção, que tem na mídia o suporte para difundir a ideia de que é vantajoso “trocar liberdade por segurança”. Esse embaite nos empurra para a “possibilidade de uma democracia totalitária vivida como exceção à regra de direito”. O autor procura fugir dos alinhamentos marxista e liberal, encontrando na obra *A Era dos Direitos*, do italiano Norberto Bobbio, sua melhor referência. No final do livro, Serrano analisa os casos de Honduras, Paraguai e Brasil (mensalão e Lava Jato) para mostrar como o Poder Judiciário chancela atos políticos de interrupção e suspensão democrática: “Tal fenômeno ocorre quando ascendem na América Latina governos de esquerda democrática e surge a necessidade de produção de atos formais para combatê-los”.



A Radiografia do Golpe, 144 páginas, 34,90 reais. Jessé Souza, Leya Casa da Palavra. Como a elite das elites promoveu o golpe e saídas para a refundação moral do Brasil.



Por Que Gritamos Golpe?, 176 páginas, 15 reais. André Singer et al, Boitempo. Autores progressistas analisam o cenário político brasileiro e cobram união das esquerdas.

